



# revista limiar

volume 6 | número 11 | 1. semestre 2019

www.limiar.unifesp.br

issn 2318-423x

*mimesis,*  
conhecimento e  
verdade

Jacob von Sandrart,  
Zeuxis e Parrásio, 1675.

## Francesco Petrarca

### Sobre a invenção e o engenho Epístola Familiar 1.8 a Tommaso de Messina.

Tradução, resumo e notas de Bianca Fanelli Morganti<sup>1</sup> e Sérgio Xavier Gomes de Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Apresentamos aqui uma tradução, do latim para o português, daquela que é a oitava carta do primeiro livro das *Familiars*, uma das coletâneas epistolares de Francesco Petrarca. Destinada a Tommaso Caloiro, esta epístola (1.8) integra um conjunto de sete cartas a este mesmo destinatário no primeiro livro desta coletânea (*Fam.* 1.1, 1.2, 1.7-1.12). As seis últimas epístolas desse conjunto (1.7-12) constituem a segunda metade do livro 1 das *Familiars* e, na economia da obra, desenvolvem e concluem a argumentação iniciada na primeira epístola do livro (*Fam.* 1.1), destinada a Ludwig van Kempen. Escrita provavelmente entre fins de 1350 e meados de 1351, a epístola 1.8 compõe, juntamente com as *Familiars* 1.7 e 1.9, uma espécie de pequeno tratado de retórica petrarquista. Para essa epístola 1.8, Petrarca adota como modelo a Epístola 84 de Sêneca, de onde toma a metáfora das abelhas para tratar a *imitatio*, a *inventio* e o *ingenium*.

**Palavras-chave:** Petrarca - *Familiars* - tradução - retórica - poética

**Abstract:** In what follows we present a translation of Petrarch's *Familiar* 1.8 from Latin into Portuguese. Addressed to Tommaso Caloiro, this epistle integrates a set of seven letters to the same addressee in the first book of the collection (*Fam.* 1.1, 1.2, 1.7-1.12). Considering the book structure, the last six epistles of the Caloiro's set (1.7-1.12) constitute the second half of *Familiars'* book 1 and develop a rhetorical motif introduced in the first letter of book (1.1) addressed to Ludwig van Kempen. Written between 1350 and 1351, the epistle 1.8 in addition to other two *familiars* (1.7 and 1.9) composes, as it were, a kind of Petrarch's brief rhetorical treatise. As a model for his *Familiar* 1.8, Petrarch resorts to Seneca's Epistle 84 and takes from it the metaphor of the bees in order to approach poetical and rhetorical notions as *imitatio*, *inventio* and *ingenium*.

**Keywords:** Petrarch - *Familiars* - translation - rhetoric - poetics

1 Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: bianca.morganti@gmail.com .

2 Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: sxaraujo@gmail.com .

### Sobre a invenção e o engenho<sup>3</sup>

[1] Você me pergunta o que fazer nesta situação na qual se encontra quase toda a multidão de escritores, visto que a cada um não só não bastam os seus próprios recursos como os envergonha usar os alheios, mas a própria doçura das coisas e o desejo de glória inerente à almas dos mortais não os permitem parar de escrever. E assim você recorre a mim, confuso e hesitante. Antes de mais nada, teria sido mais aconselhável que você se dirigisse a um conselheiro mais seguro, de quem teria recebido ou muitos e variados conselhos ou um único que fosse o melhor e o mais bem escolhido. Mas você bateu à porta de um homem pobre, de onde contudo, no que depender de mim, não partirá de mãos inteiramente vazias: o que eu mendiguei de outro, de bom grado partilharei com você. [2] Na verdade, eu confesso que, a respeito desse assunto, não existe para mim mais do que um único conselho; se por experiência, você vier a considerá-lo ineficaz, culpará Sêneca<sup>4</sup>, mas se você considerá-lo eficaz, agradecerá a ele, e não a mim. De todo modo, enfim, eu gostaria que você o tomasse por autor deste conselho, cujo ponto principal é o seguinte: nas invenções deve-se imitar as abelhas, que devolvem as flores não como as colheram, mas, por meio de uma maravilhosa mistura, produzem ceras e mel. [3] Mas Macróbio transpôs nas *Saturnais* não apenas o sentido mas as palavras mesmas de Sêneca<sup>5</sup>; isso de tal maneira que ao mesmo tempo em que a mim parecia que, lendo e escrevendo, considerava algo, o desconsiderava imediatamente nos seus próprios escritos. E isso porque ele não se empenhou em converter em favos as flores colhidas junto a Sêneca, mas as transplantou intactas e tais quais as encontrara em ramos alheios. Mas por que eu diria que algo é alheio, ainda que elaborado por outros,

3 Para a tradução desta que é a oitava carta do primeiro livro das *Familiars* de Petrarca, seguiu-se o texto latino editado por Vittorio Rossi. cf. Francesco Petrarca, *Le Familiari*. Edizione Critica per cura di Vittorio Rossi. Volume Primo. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2008 (Ristampa anastatica dell'edizione Sansoni del 1968). Esta epístola (1.8), juntamente com as *Familiars* 1.7 e 1.9 também destinadas a Tommaso de Messina, compõe um pequeno tratado de retórica petrarquista. Consideradas fictícias por Billanovitch (1947, p. 49), este conjunto de três cartas a um mesmo destinatário teriam sido redigidas entre fins de 1350 e meados de 1351. A epístola cuja tradução se apresenta aqui tem como modelo manifesto a Epístola Moral 84 de Sêneca a Lucílio, de onde toma a metáfora das abelhas para tratar o processo de imitação poética. Petrarca emprega Sêneca para defender que, a exemplo das abelhas que a partir do néctar recolhido de várias flores produzem um elemento único, diferente e melhor, o mel, o poeta deve ler e estudar os antigos a fim de que, os exemplos colhidos destes, imitados e reelaborados, adquiram novo sentido na nova formulação em que foram inseridos. Para o tratamento desta mesma tópica em outras das familiares de Petrarca, cf. *Fam.*, 22, 2, 12-13 e 23, 19, 13.

4 Cf. Sêneca, *Ad Lucilium* 84, 3-4.

5 Cf. Macróbio, *Saturnales*, I praef., 5-10, onde Macróbio retoma *Ad Luc.* 84, 3-10.

quando há uma sentença de Epicuro, referida pelo próprio Sêneca, segundo a qual tudo o que foi dito de modo adequado por alguém não é alheio mas nosso?<sup>6</sup> [4] E por fim, não se trata de culpar Macróbio por não ter transformado mas transcrito, no próêmio de sua obra, grande parte da epístola de Sêneca, pois isso talvez aconteça não só a mim como também a muitos outros autores maiores. Mas reafirmo o seguinte: é sinal de maior refinamento que, como imitadores das abelhas, apresentemos com as nossas próprias palavras os pensamentos, ainda que de outros homens. [5] Além disso, não adotemos nem o estilo deste nem daquele, mas um nosso, forjado a partir de muitos outros. Sem dúvida, é ainda mais fecundo não colher aqui e ali coisas esparsas ao modo das abelhas, mas antes saber também falar por si próprio, conforme o exemplo daquelas larvas não muito maiores, de cujas vísceras se produz a seda; mas isso desde que o sentido seja elevado e verdadeiro, e a maneira de falar ornada. Mas como tal capacidade é dada a pouquíssimos ou a quase ninguém, suportemos com tranquilidade a sorte do nosso engenho, não invejando os superiores, nem desprezando os que estão abaixo de nós, e nem tampouco sendo importunos aos pares.

[6] Sei, contudo, o que você, calado, está dizendo agora: “este homem me demove do estudo e me dissuade do trabalho, enquanto me ensina a suportar pacientemente a ignorância.” Mas eu considero que nada deve ser mais evitado do que uma indolência que defina o engenho. Pois ainda que Cícero escreva que, por serem capazes de falar, os homens lhe parecem superar largamente os animais mesmo sendo menores e mais débeis do que eles em muitos aspectos, devemos, todavia, desculpar no orador o valor que costumava atribuir à sua própria arte, ou devemos compreender que não seria possível que ele próprio pudesse falar sem que houvesse antes o conhecimento.<sup>7</sup> [7] Já para mim os homens parecem ser muito superiores sobretudo no seguinte: são capazes de conhecer, discernir, compreender e lembrar muitas coisas, algo que a natureza não concedeu às bestas, embora também essas pareçam guardar com os homens alguma semelhança no que diz respeito ao conhecimento, ao discernimento e à memória. [8] E então? Exorto-lhe e suplico para que dissipemos com toda a vigilância e com máximas forças a ignorância, trevas da alma, e para que nos esforcemos em aprender algo na terra, a fim de que se abra para nós uma via para o céu. Mas, se por causa da nossa lentidão, o caminho para as

6 Cf. Sêneca, *Ad Luc.* 16.7: *Quidquid bene dictum ab ullo meu est*; e *Ad. Luc.* 12.11; 14.18; 33.2 etc. Essa mesma citação reaparece em Petrarca, *Fam.*, 17.1.44.

7 Cf. Cícero, *De inventione*, 1.4.5 e *De oratore*, 1.8.33.

coisas mais elevadas não se abrir, talvez porque nem todos nascemos sob o mesmo astro, em meio aos nossos esforços devemos nos lembrar que convém nos contentarmos com os limites de engenho que Deus e a natureza nos impuseram. Se assim não fizermos, jamais haveremos de estar livres das inquietações da mente.<sup>8</sup> [9] Enquanto avançarmos em direção ao conhecimento das coisas – caminho que nunca devemos interromper até o último suspiro – a todo momento aparecerão novos esconderijos, nos quais a nossa ignorância não poderá penetrar. Daí a tristeza, a indignação e o desprezo por nós mesmos. Como o vulgo indouto não é capaz de enxergar esses covis, viverá mais alegre e mais tranqüilo.<sup>9</sup> Assim, segue-se que o conhecimento, que deveria ser causa notável de sagrado deleite, pode causar uma inquietação muito nociva e arruinar a vida, da qual prometia ser o guia. Que esteja presente, portanto, em todas essas coisas a moderação. [10] É ela que nos persuadirá de que, não só pelas coisas que são chamadas de dons da fortuna e do corpo mas também por aquelas que são dons da alma - qualquer que seja a pequena parcela destes que nos tenha sobrevivido -, devemos nos habituar a render graças não módicas - mesmo que acerca de coisas módicas - ao dispensador eterno, que melhor vê o que nos convém, e nos concedeu não aquilo que sabe ser mais deleitoso, mas o que sabe ser mais oportuno. Por certo, tal como se louva, com justiça, aquele velho de poucos alqueires que à sua alma igualava a riqueza dos reis<sup>10</sup>, do mesmo modo devemos louvar um homem feio, embotado ou gago, que à sua alma tiver igualado a beleza de Alcibíades, o engenho de Platão ou a eloqüência de Cícero. [11] A quem, portanto, falta o engenho, que não falte equanimidade; a quem o possui, que possua também o discernimento - moderador de todas as coisas - para que estime com juízo íntegro suas forças<sup>11</sup>, e para que não se encarregue de um fardo que não é capaz de suportar, se adulando a si mesmo e a si próprio enganando, contrariamente ao que está preescrito na Arte Poética:

*Sumite materiam vestris, qui scribitis, equam  
viribus, et versate diu, quid ferre recusent,  
quid valeant humeri. (...)*<sup>12</sup>

8 Cf. Sêneca, *Ad Luc.*, 98.6: *Calamitosus est animus futuri anxius*. cf. também Petrarca, *Fam.*, 2.7.13.

9 Cf. Horácio, *Carmina* 3.29.41-42: *Ille potens sui/laetusque deget cui...*

10 Cf. Virgílio, *Georg.* 4. vv.127-128: *Corycium vidisse senem, cui pauca relict/iugera ruris erant e Regum aequabat opes*. Este mesmo exemplo é ainda empregado por Petrarca em: *Epyst.*, 2.18. 46-47; *Fam.*, 9.8.4; *Rer. Mem.*, 4.24.2; *Secr.*, 2.24 e *De vita sol.*, 1.2.14.

11 Sobre isso, cf. Petrarca, *De rem.*, 1.7 (*De ingenio*).

12 Horácio, *Ad Pis.*, 38-40. Cf. também Quintiliano, *Inst. Orat.*, 10.2.19 e Petrarca, *Fam.*, 12.3.20.

[Assumí vós, que escreveis,/matéria proporcional  
às vossas forças, e avaliai detidamente o que se recusam a carregar  
e o que suportam os seus ombros]

[12] Decerto, o engenho deve ser ajudado pelo estudo e elevado pelas reflexões, porém não deve ser de modo algum forçado a ascender aonde não possa chegar. Para além do fato de que o esforço seria em vão, com frequência ocorrerá que, enquanto cobiçamos as coisas impossíveis, negligenciamos as possíveis. [13] Vou citar aqui uma passagem breve mas útil e, se não me engano, célebre que li em Quintiliano, um homem muito agudo. E, posto que isso foi escrito pelo autor de modo breve e claro, eu não quis mudar-lhe as palavras. Diz ele:

*De fato, acontece mesmo aos jovens engenhosos que, com frequência, sejam consumidos pelo trabalho e caiam em profundo silêncio por causa de um excessivo desejo de falar bem. Lembro que Júlio II - meu contemporâneo e, como se sabe, um amigo íntimo, homem de admirável eloquência e, contudo, de um zelo sem limites - me relatou o que lhe fora dito por seu tio. [14] Esse homem, Júlio Floro, fora o primeiro das Gálias em eloquência - já que precisamente ali a exerceu - além disso, foi persuasivo como poucos e digno do mencionado parentesco. Certa vez, quando Júlio II ainda estava na escola, seu tio, tendo lhe visto entristecido, perguntou-lhe a causa de sua fisionomia tão carregada. O adolescente não escondeu ser já o terceiro dia que, embora com todo empenho, não encontrava o exórdio para a matéria sobre a qual lhe fora designado escrever. Por este motivo, a ele se impunham não apenas a dor mas sobretudo o desespero em relação o futuro. Então Floro lhe disse sorrindo: "por acaso você não está querendo falar melhor do que é capaz?"<sup>13</sup>*

Isso foi o que Floro disse ao seu sobrinho. [15] Quintiliano, contudo, nos diz, ou melhor, diz a todos: "*Consideremos o seguinte: deve-se procurar falar do modo mais excelente possível; mas deve-se falar sempre conforme a própria capacidade. Para o aperfeiçoamento, de fato, é necessário esforço não desespero.*"<sup>14</sup>

Esse conselho pode ser transferido, de muitos modos, da eloquência para outras ações da vida dos homens; mas visto que a nossa conversa é sobre o engenho e a facúndia, de ambas estas coisas bem como de todas as demais, tanto os excessos quanto a carência devem ser suportados com tranquilidade. [16] Se os astros tiverem favorecido alguém com luz tão benigna que ele próprio seja, sem ajuda de recurso

---

13 Cf. Quintiliano, *Inst. Orat.*, 10.3.12-14.

14 Cf. Quintiliano, *Inst. Orat.*, 10.3.15.

externo, o bastante para si e que seja capaz de exprimir por si mesmo pensamentos admiráveis, essa pessoa tem muito o que atribuir ao dom da Graça celeste; que então evite a insolência e frua com muita humildade das dádivas de Deus; e que deixe para as abelhas o costume que lhes é próprio. [17] Que nós, contudo, que não fomos tocados por tão grandes dons, não nos envergonhemos de imitar as abelhas. Como nos diz o nosso Virgílio, elas:

*Venture [...] hiemis memores estate laborem  
Experiuntur et in medium quesita reponunt.*<sup>15</sup>

[lembradas do inverno vindouro/ se entregam à labuta  
no verão/e repõem à colmeia as provisões.]

Entreguemo-nos também enquanto há tempo, enquanto a idade fervilha e o engenho viceja; não esperemos até que o frio da velhice se insinue e que nuvens de inverno se sucedam à claridade do verão. Acerca das abelhas, contudo, lemos neste mesmo poeta que

*estate nova per florea rura  
Exercet sub sole labor;*<sup>16</sup>

[ com a volta do verão/pelos campos floridos  
/as fatiga a labuta sob o sol]

E mais uma vez, em outra passagem, ele diz que elas:

*In pratis [...] estate serena  
Floribus insidunt variis et candida circum  
Lilia funduntur: strepit omnis murmure campus.*<sup>17</sup>

[nos prados/ em um dia sereno de verão,  
pousam em flores várias e em meio às candidas  
flores de lis se misturam: todo o campo ressoa com seu zumbido]

[18] E assim, se quisermos aproveitar mais amplamente o conselho transmitido por este ilustre preceptor de costumes<sup>18</sup>, relacionemos tudo aquilo que foi escrito sobre as abelhas à atividade da invenção humana. Que outra coisa é nosso verão senão

15 Cf. Virgílio, *Georg.*, 4. 156-157.

16 Cf. Virgílio, *Aen.*, 1.430-431.

17 Cf. Virgílio, *Aen.*, 6.707-709.

18 Para essa definição petrarquista de Virgílio, cf. Feo, M., "Petrarca", in: *Enciclopedia Virgiliana*, vol. 4. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana Treccani, 1988; pp. 53-78.

esta idade mais ardorosa? Por outro lado, o que é mais semelhante ao gélido inverno do que a velhice? Nós então nos propomos a esperar que fruto deste tempo ou ócio, que colheitas do nosso engenho, se agora nos abatemos aterrorizados em face da labuta? O que a posteridade retirará de nossos favos se nos paralisarmos com uma preguiça entorpecida?

*Nudus ara, sere nudus: hiems ignava colono*<sup>19</sup>

[Ara nu, nu semeia: o inverno é indolente ao lavrador]

[19] Mas para que o discurso não se desvie das abelhas para os lavradores, agora, principalmente agora, pousemos nos prados e nas várias flores pelos campos de muitos autores; perscrutemos os livros dos homens doutos, escolhendo destes os mais floridos e doces pensamentos, e lancemo-nos ao redor dos lírios brancos. E isso deve ser feito de modo incansável, modesto e tranquilo. Estabeleçamos como fim mais honesto de nossos estudos não a glória vazia do vulgo, gerada pelas argúcias de uma contenda inútil, mas sim a efetuação da verdade e da virtude. [20] Creia-me, é possível conhecer alguma coisa sem as clamorosas altercações; não é o clamor mas a reflexão que nos torna mais doutos. E, na verdade, se não pretendermos parecer mais do que ser, o aplauso da multidão insana não nos agradará tanto quanto a verdade em silêncio. Por vezes, nos contentaremos de ter difundido em nosso próprio proveito as palavras dos escritos autênticos com um suave eco; e assim, o campo inteiro não retumbará com um estrondo mas ressoará com um zumbido.<sup>20</sup> [21] E, visto que, como você pode perceber, estou falando mais livremente do que exigia a necessidade da sua dúvida, eu acrescentaria ainda mais um conselho aos anteriores: que você fuja de todo lugar onde se vive quer de modo torpe quer de modo pomposo, e tão somente ao arbítrio da voz do povo. Saiba que não é menos pestífera para você do que para abelhas uma morada

*Aut ubi odor ceni gravis, aut ubi concava pulsu  
saxa sonant, vocisque offensa resultat imago.*

[onde rescende o odor pesado de ceia, ou onde ressoam  
as pedras cavadas com o pulso, e retumba a imagem rebatida da  
voz.]<sup>21</sup>.

19 Cf. Virgílio, *Georg.*, 1.299.

20 Para a retomada dessa tópica, ver a epístula seguinte. cf. Petrarca, *Fam.*, 1.9.11-12.

21 Cf. Virgílio, *Georg.* 4. 49-50.

[22] E não pense que isso é dito a você somente, mas a todos, a quem quer que se debruce sobre a invenção de alguma coisa louvável. Muitos nobres engenhos são sufocados principalmente por duas coisas: pelo hábito dos prazeres e pela perversidade das opiniões populares.<sup>22</sup> Com efeito, enquanto aquele reside no interior, esta assedia de fora, o ânimo se esgota e se afasta mais do conhecimento mesmo da verdade. [23] As coisas que eu poderia dizer acerca da imitação das abelhas me parecem ser as seguintes: a exemplo das abelhas, de tudo aquilo que se lhe apresenta, esconda na colméia do coração as coisas mais bem escolhidas, as mantenha com suma diligência e as conserve tenazmente para que, se for possível, nada se perca. E tome cuidado para que não permaneça por muito tempo com você o que você tiver colhido; de fato não haveria glória para as abelhas se elas não convertessem o que encontraram em algo melhor e diverso. [24] Se você tiver encontrado alguma coisa pelo esforço de ler e refletir, eu lhe aconselho que, com a sua pena, a deposite em um favo; pois dali jorrarão aquelas obras que, com justiça, tanto a idade presente quanto a vindoura lhe atribuirá. E, para que nenhuma flor colhamos hoje senão das árvores virgilianas, eu concluo:

*hinc anni tempore certo,  
Dulcia mella premes, nec tantum dulcia quantum  
Et liquida et durum Bachi domitura saporem.*<sup>23</sup>

[ em tempo certo do ano,  
Tu colherás doce mel, não só doce como  
apto a abrandar o forte sabor de Baco”.

Adeus!

11 de abril.

---

22 Cf. Cícero, *Tusc.*, 3.1.2: *In summa opinionum perversitate versamur.*

23 Cf. Virgílio, *Georg.* 4. 100-102.

## Referências bibliográficas

- BERRA, Claudia (org.) - Motivi e Forme delle *Familiari* di Francesco Petrarca. Milano: Cisalpino Istituto Editoriale Universitario - Monduzzi Editore, 2003.
- BILLANOVICH, G. *Petrarca Letterato. I. Lo Scrittoio del Petrarca*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1947.
- FEO, M. "Petrarca", in: *Enciclopedia Virgiliana*, vol. 4. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana Treccani, 1988; pp. 53-78.
- PETRARCA, F. *Le Familiari*. Edizione Critica a cura di Vittorio Rossi. Vol. 1. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2008 (Ristampa anastatica dell'edizione Sansoni del 1968).
- PETRARCA, F. *Le Familiari*. Introduzione, Traduzione e Note di Ugo Dotti. Libro Primo. Roma: Archivio Guido Izzi, 1991.
- PETRARCH, F. *Letters on Familiar Matters*. Books I-VIII. Translated by Aldo S. Bernardo. New York: Italica Press, 2005.
- PÉTRARQUE, F. *Lettres Familières* I-III. Introduction e notes de Ugo Dotti. Traduction de André Longpré. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

Recebido em 27.02.2019.

Aceito para publicação em 09.03.2019.

© 2019 Bianca Morganti e Sérgio Gomes. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional ( [http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR) ).